

Cardoso não vai acelerar as privatizações

■ Presidente diz aos europeus que venda de estatais deve seguir o “interesse público”

CRISTINA SERRA
Enviada especial

BRUGES, BÉLGICA — O presidente Fernando Henrique Cardoso pretende concluir o processo de privatizações o mais depressa possível, mas sem deixar de levar em conta o interesse público. Foi isso que ele disse para executivos de 17 empresas com quem se reuniu no sábado à tarde, em Bruges, e vai repetir hoje no seminário de que participa hoje, em Frankfurt, no primeiro dia de sua visita à Alemanha. “Eu disse a eles (empresários) o seguinte: vamos privatizar, mas vamos querer vender bem e não na bacia das almas”, contou o presidente, sobre o encontro em Bruges, patrocinado pelo Citibank. O recado também vale para setores do PFL, que têm reclamado da lentidão do programa. “Os empresários europeus sabem mais da complexidade das privatizações do que alguns brasileiros que pedem pressa”, afirmou, em entrevista.

Cardoso disse que não fixou prazo para a conclusão das privatizações. “Não quero criar angústia de tempo e depois ficar todo mundo me cobrando”, enfatizou. Ele explicou aos empresários que o fato de o Estado não ser mais produtor direto não implica que o governo não tenha uma preocupação social. “Temos que pensar no bem-estar da população e no interesse público. Isso implica que se tenha que criar mecanismos de fiscalização e de monitoramento dos investimentos”, argumentou.

Teles — A um empresário italiano interessado em investir em telecomunicações, o presidente disse que apenas os setores de telefonia celular e de satélites terão uma abertura “mais rápida” à iniciativa privada, “o que já representa muito investimento para ser feito”. O modelo de privatização das empresas estatais só estará definido no segundo semestre do próximo ano, informou o presidente.

Com relação à aceleração do programa, pedida pelo PFL, o presidente disse que esta queixa é só de certos setores do partido, argumentando, inclusive que o próprio ministro das Minas e Energia, Raimundo Brito, que é do PFL, lhe disse que a privatização do setor energético requer muitos estudos, da mesma forma que a regulamentação da quebra do monopólio estatal do petróleo. “Todos acham que podem ter pressa. O problema é que quem está na gestão sabe que há problemas de reestruturação, problemas legais e de organização”, destacou.

Light — Ainda assim, Cardoso argumentou que na área de energia já estão funcionando as concessões das hidrelétricas de Itá, Igarapava e Serra da Mesa. “Temos mais umas 15 concessões nessa área. Isso pode ser e será rápido”, afirmou. O presidente só se queixou da demora na definição do modelo de privatização da Light. “Eu gostaria que já houvesse uma definição mais clara”, disse.

Na conversa com os empresários, Cardoso também convocou-os para que invistam no Brasil. “Eu os conclamei abertamente a apostar no Brasil. Se antes eles tinham uma atitude um pouco tímida em relação ao Brasil, agora estão tendo uma atitude mais audaciosa. Quase todos disseram que estão mudando a estratégia de longo prazo tendo em vista a recuperação da economia brasileira”, afirmou.

O presidente também explicou aos empresários as cotas à importação de automóveis. “O Brasil não pode se dar ao luxo de gastar bilhões e bilhões com importação de automóveis, sobretudo depois da crise do México. Foi uma circunstância”, explicou.

O seminário sobre privatizações do qual o presidente vai participar hoje, com o ministro da Fazenda, Pedro Malan, é organizado pelo Deutsche Bank. Ele também visitará a fábrica da Volkswagen, em Hannover.